



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**KARLA SAMARA ABRANTES VIANA DANTAS**

**A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DO ALUNO DO 9º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2017**

**KARLA SAMARA ABRANTES VIANA DANTAS**

**A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DO ALUNO DO 9º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Nazareth de Lima Arrais**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2017**

**KARLA SAMARA ABRANTES VIANA DANTAS**

**A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIAÇÃO  
LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DO ALUNO DO 9º ANO DO  
ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 30/08/2017

**BANCA EXAMINADORA**

Maria Nazareth de Lima Arrais

**Prof.ª Dr.ª Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)**

**Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Jaqueline de Jesus Bezerra

**Prof.ª Esp. Jaqueline de Jesus Bezerra (Membro)**

**Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Hérica Paiva Pereira

**Prof.ª Dr.ª Hérica Paiva Pereira (Membro)**

**Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

D192s Dantas, Karla Samara Abrantes Viana.  
A sociolinguística em sala de aula: análise da variação linguística no repertório do professor e do aluno do 9º ano do ensino fundamental / Karla Samara Abrantes Viana Dantas. - Cajazeiras, 2017.  
56f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.  
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Repertório docente e discente. 4. Língua - uso. I. Arrais, Maria Nazareth de Lima. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'27

*Dedico este trabalho a Deus, que é quem me dá forças para enfrentar essa jornada. Às minhas filhas Myrella Iohanna Abrantes Viana Dantas e Mírian Ionnara Abrantes Viana Dantas pela compreensão das minhas ausências todas as noites. A meu pai Francisco Ulisses Viana e à minha mãe Maria das Graças Abrantes Viana que não mediram esforços para me ajudar na conclusão de mais uma etapa. Aos meus irmãos, Mayara Karla Viana, Francisco Ulisses Viana Júnior e Francisco Demóstenes Abrantes Viana que acreditaram em mim e ao meu esposo que me ajudou, pois tem sido muito compreensivo diante da minha jornada de estudos.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por me dar força e fé para superar as dificuldades.

Às minhas filhas, meu tudo, pelo carinho e compreensão das minhas ausências em momentos que devia estar presente.

À minha família, que sempre me ajudou com incentivo, acreditando na minha capacidade incondicionalmente.

À minha tia, Maria de Fátima Abrantes, pelo incentivo, apoio e confiança na minha pessoa, acreditando na minha capacidade.

Ao meu cunhado Wallace Dantas que sempre esteve presente na minha vida e acreditou no meu potencial.

A Francilene Fernandes Dantas, minha amiga, que sempre quando eu preciso está à disposição para me ajudar nessa jornada acadêmica.

Aos colegas de classe que fizeram parte da minha vida durante esses quatro anos e meio de curso, em especial a Aline Almeida, Gabriella Oliveira, Flávia Raquel, Joseany Araújo, Wandro Lopes.

Aos meus professores, desde o Ensino Fundamental até a graduação, por ter me permitido construir conhecimentos.

À minha orientadora, professora Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais, por acreditar em minha capacidade, por toda paciência, dedicação, compreensão e carinho, e por ser esse ser humano incrível, exemplo de humildade tanto pessoal quanto profissional.

À professora Erlane Aguiar Feitosa de Freitas, pela disponibilidade, carinho e atenção em ajudar-nos na organização do nosso trabalho.

Aos coordenadores do Curso, pelo cuidado em manter a qualidade.

Ao Secretário da noite da coordenação de Letras que nos atende com muita receptividade, atenção e bom humor.

E aos demais que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para meu crescimento e à conclusão do Curso.

*O Caminho para uma democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante.*

(Bortoni-Ricardo, 2005, p.15)

## RESUMO

A Sociolinguística é o ramo da Linguística que estuda a língua em uso, o que é comum na sala de aula, haja vista ser um espaço de interações. Pela Sociolinguística se pode observar que o sistema da língua é heterogêneo e dinâmico. Nesse direcionamento, o objetivo deste trabalho é analisar a variação linguística no repertório do professor e do aluno do 9º ano no Ensino Fundamental. Nesse intuito, discorreremos sobre a Sociolinguística, distinguindo aquela que se aplica à sala de aula; levantamos o *corpus* da pesquisa numa sala do 9º ano do Ensino Fundamental; descrevemos e caracterizamos a variação linguística no repertório do professor e dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Para tanto, elegemos a Sociolinguística Escolar trabalhada por Bortoni-Ricardo (2004/2005//2014) para ser a base teórica de nossas discussões. Esta, por sua vez, teve origem na Sociolinguística Interacionista, largamente discutida por Garcez (2002), e surgiu trazendo um importante trabalho social, uma tradição de pesquisa e análise do discurso, baseada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa com o objetivo de estudar o uso da língua em situações de interação. Os sujeitos colaboradores desta pesquisa foram: o professor e os alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal de Educação Infantil Dr. José Dantas Pinheiro em São João do Rio do Peixe - PB. Trata-se de uma pesquisa Etnográfica de natureza qualitativa. A Etnografia estuda a cultura dos povos, e a interação social. Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: ficha de observação e questionário. Ao desenvolvermos esta pesquisa, observamos a heterogeneidade linguística presente na fala do professor e do aluno em sala de aula, variando do formal ao informal.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Variação Linguística. Repertório docente e discente.

## ABSTRACT

The Sociolinguistics is the field of the Linguistics that studies the language in use, what is common in the classroom, in view that the classroom is an interaction space. Through the Sociolinguistics it can be observed that the system of the language is heterogeneous and dynamic. In that direction the objective of this work is to analyze linguistic variation in the repertoire of the teacher and the student of 9th year of Elementary School. In this end, we discuss about the Sociolinguistics, differentiating that one that applies to the classroom; we raise a corpus of research in a classroom of 9th year of Elementary School; we describe and characterize the linguistics variation in the repertoire of the teacher and the students of 9th year of Elementary School. Therefore, we choose the School Sociolinguistics worked by Bortoni-Ricardo (2004/2005/2006/2014) to be theoretical basis of our discussions. This, in turn, originated in Interactionist Sociolinguistics, widely discussed by Garcez (2002), and emerged bringing an important social work, a research tradition and analysis of the speech, based in the qualitative empirical and interpretive research with the objective of to study the use of the language in interaction situation. The collaborating subjects of this research were: the teacher and students of 9th year of Elementary School of the Municipal School of Child Education Dr. José Dantas Pinheiro em São João do Rio do Peixe. It's an ethnographic research of a qualitative nature. The Ethnography studies the culture of the people, and the social interaction. The research instruments used were: observation sheet and questionnaire. In developing this research, we observe the linguistic heterogeneity present in the teacher and student's speech in classroom, varying of the formal to the informal.

**Keywords:** Sociolinguistics. Linguistics Variation. Repertoire teacher and student.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEP	Comitê de Ética e Pesquisa
CFP	Centro de Formação de Professores
EJA	Educação de Jovens e Adultos
E.M.E.I.F.J.D.P	Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro.
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
NTE	Núcleo de Tecnologia Educacional
PB	Paraíba
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PROEJA	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica, na Modalidade de Jovens e Adultos
SJRP	São João do Rio do Peixe
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UAL	Unidade Acadêmica de Letras
UCLA	Universidade da Califórnia de Los Angeles
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 SOCIOLÍNGUÍSTICA: O ESTUDO DA VARIAÇÃO</b> .....	15
2.1 CONCEITO, ORIGEM E DISSEMINAÇÃO .....	15
2.1.1 Sociolinguística variacionista .....	18
2.1.2 Sociolinguística interacionista.....	20
2.1.3 Sociolinguística escolar .....	22
2.2 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO .....	26
2.3 OS PCN E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	31
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	34
<b>4 ANÁLISE</b> .....	37
4.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR.....	37
4.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO ALUNO .....	40
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR</b> .....	49
<b>APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DO ALUNO</b> .....	499
<b>APÊNDICE C - FICHA DE OBSERVAÇÃO</b> .....	51
<b>ANEXO A - TRANSCRIÇÃO DAS AULAS OBSERVADAS</b> .....	52
<b>ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b> .....	55

## 1 INTRODUÇÃO

Todo idioma sofre variações no decorrer dos tempos pela ação dos seus falantes, que realizam transformações na língua. Esse fenômeno de transformação pode ser observado a partir de muitas influências, regionais, socioculturais que são responsáveis pelo surgimento de linguagens particulares a partir da mesma língua.

A Sociolinguística é o ramo da Linguística, que estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Ela busca mostrar que fatores como: idade, sexo, contexto social, dentre outros são determinantes para a diversidade das formas de uso. É pela Sociolinguística que se pode, também, observar que o sistema da língua é heterogêneo e dinâmico. Nesse sentido, outro aspecto relevante é que a Sociolinguística também ajuda na postura do professor, na hora de definir metodologias e conteúdos. E a sala de aula é um ambiente rico de discursos orais em que professores e alunos estão sempre envolvidos em práticas discursivas.

Estas foram as razões por que elegemos a Sociolinguística Escolar trabalhada por Bortoni-Ricardo (2004/2005/2006/2014) para ser a base teórica de nossas discussões. Esta, por sua vez, teve origem na Sociolinguística Interacionista, largamente discutida por Garcez (2002), que surgiu trazendo um importante trabalho social, uma tradição de pesquisa e análise do discurso, baseada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa com o objetivo de estudar o uso da língua na interação em sala de aula.

Na Sociolinguística Interacionista, o que entra em debate ou em evidência é a posição do interlocutor, que procura entender o significado do discurso a partir do contexto interacional ressaltando a natureza dialógica da comunicação humana. (GARCEZ, 2002). Por este viés, para ocorrer um processo de interação, tanto falante como ouvinte tem papéis fundamentais e ativos na elaboração da mensagem para que o significado da mesma seja de relevância e passe a ser compreendida por todos os participantes que usam a língua no contexto social e escolar.

Seguindo essas inquietações, esta pesquisa, associada à variação linguística presente no discurso oral do professor e dos alunos em eventos de interação em sala de aula, é norteadada pelo seguinte questionamento: como se caracteriza a

variação linguística no repertório do professor e dos alunos no 9º ano do Ensino Fundamental?

Partimos do pressuposto de que o que caracteriza a variação linguística no repertório do professor e dos alunos seja a não padronização da língua, as diferenças culturais, sobretudo rurais da região onde nasceram e viveram alguns alunos. Acreditamos que isso se dá, porque em sala de aula alternam o uso da língua formal e o uso do português popular, mesclando a oralidade da sala de aula que é um ambiente multidimensional, onde alunos e professores estão submetidos às influências de comportamentos linguísticos e estão sempre envolvidos em práticas discursivas.

Com o intuito de responder ao questionamento proposto, traçamos como objetivo geral: analisar a variação linguística no repertório do professor e dos alunos do 9º ano no Ensino Fundamental. E como objetivos específicos: discorrer sobre a Sociolinguística, distinguindo aquela que se aplica à sala de aula; levantar o *corpus* da pesquisa na sala do 9º ano do Ensino Fundamental; descrever a variação linguística no repertório do professor e dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental; e caracterizar a variação linguística presente no repertório do professor e dos alunos, considerando a educação em língua materna.

Esta é uma pesquisa qualitativa que usa a Etnografia e a Análise da Conversa. A Etnografia estuda a cultura dos povos e a interação social. O pesquisador tem uma compreensão de regras e costumes devido à experiência direta que ele tem com o grupo observado e a Análise da Conversa estuda o uso da linguagem dos indivíduos na comunidade de fala, segundo Johnstone (2000).

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: ficha de observação e questionário. O primeiro, para levantamento de *corpus* e verificar traços de oralidade do professor e do aluno. E o segundo, para caracterização dos sujeitos colaboradores.

Como categorias de análises temos: a variação linguística no repertório do professor e do aluno. Na intenção de filtrar as categorias do *corpus*, elaboramos como critérios de análises os seguintes questionamentos: 1) Como se apresenta a variação linguística no repertório do professor? 2) Como se apresenta a variação linguística no repertório do aluno?

Ademais, foi elaborada uma Carta de Anuência para a direção da Escola, campo de pesquisa, assinar nos autorizando realizar a investigação nas

dependências da instituição. Também foi elaborado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o professor colaborador tomar ciência de todos os detalhes da pesquisa, bem como do nosso comprometimento e responsabilidade com tal realização.

Sob o sigilo de identidade ocorreu a observação das aulas. O professor e os alunos foram os sujeitos colaboradores da pesquisa. Na intenção de assegurar o proposto na Resolução N° 466/12, a presente pesquisa submeteu foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), atendendo às exigências legais, considerando o risco mínimo existente para o levantamento dos dados de análise, uma vez que trabalha com seres humanos.

O campo de pesquisa foi a Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro (E.M.E.I.F.J.D.P) localizada no Município de São João do Rio do Peixe (SJRP) - PB. A pesquisa efetuada foi no 9º Ano do Ensino Fundamental.

Apesar de ser muito debatido o assunto da variação linguística, ainda encontramos muito preconceito concernente aos discursos orais, inclusive em sala de aula. Muitas escolas sentem dificuldades em lidar com o fenômeno da variação linguística, por isso é importante salientar que esse fenômeno desconsidera os valores de certo e errado, como forma de valorizar o discurso popular, sobretudo em sala de aula, quando a aprendizagem está em processo.

Assim, esta proposta de pesquisa se justifica em razão de considerar o discurso oral com suas peculiaridades, reconhecendo a heterogeneidade linguística que está presente em toda comunidade de fala, nesse sentido não podemos deixar de enfatizar os desafios que se impõem para procedimentos didático-pedagógicos de maneira que o professor possa trabalhar com a norma culta.

Além disso, ao elaborar esta pesquisa, pretendemos contribuir com a prática de ensino e com estratégias pedagógicas para uma conscientização e valorização da fala do aluno no ensino fundamental, que implicará na formação social e cultural desses alunos. Ao analisarmos as estratégias pedagógicas aplicadas em sala de aula, podemos também verificar o comportamento interacionista do discente lidar com as variações linguísticas.

Esta monografia apresenta três partes centrais. Na primeira parte, abordamos sobre o estudo da variação e sua disseminação, bem como sobre a Sociolinguística Variacionista, Sociolinguística Interacionista e a Sociolinguística Escolar, fazendo

correlação com a Heterogeneidade linguística do português brasileiro e com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

A segunda parte apresenta a metodologia aplicada para a construção do trabalho: detalhamos aqui o tipo de pesquisa, que é a etnográfica qualitativa, e apresentação do levantamento de *corpus*; o campo e sujeito de pesquisa; instrumentos e métodos de pesquisa; critérios e categoria de análises.

O terceiro capítulo é destinado às análises dos discursos gravados em sala de aula, mostrando a variação linguística presente no repertório do professor e do aluno priorizando as diferenças culturais das regiões onde nasceram e viveram alguns alunos.

Este trabalho está constituído também por esta introdução, na qual mostramos a temática, os objetivos, os questionamentos da pesquisa, alguns tópicos da metodologia e trazemos os principais capítulos constituintes da pesquisa. Fazem parte também deste trabalho as considerações finais que nos trazem os resultados obtidos com as análises e, por fim, temos as referências, os anexos e os apêndices.

## 2 SOCIOLÍNGUÍSTICA: O ESTUDO DA VARIAÇÃO

### 2.1 CONCEITO, ORIGEM E DISSEMINAÇÃO

De maneira incontestável, podemos afirmar que a linguagem e a sociedade caminham juntas, interligadas. Essa relação motivou as sociedades a se organizarem e se comunicarem por meio de uma língua. Partindo desses pressupostos, linguistas do século XX como: Jonh Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, Jonh Fischer, José Pedro Rona, tiveram um papel fundamental e decisivo na questão de pesquisas sobre linguagem e sociedade. No entanto, foi através de Ferdinand de Saussure, considerado um marco do estruturalismo nas correntes linguísticas, em 1916, em seu *Curso de Linguística Geral*, que se estabeleceram métodos de abordagens e princípios gerais da língua, definindo a língua como oposição à fala e sendo ela o objeto principal da linguística.

Segundo Mussalim (2001), a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos na década de 1960. Era uma nova ideia difundida por um dos maiores expoentes da sociolinguística, William Labov, defendendo a sociolinguística variacionista. Em 1963, Labov publica um trabalho sobre a ilha de Martha's Vineyard, em Massachusetts, onde relacionou fatores étnicos, idade, sexo, ocupação dos indivíduos, verificando a diversidade de variações linguísticas do contexto social das comunidades urbanas. Esse trabalho ficou conhecido como Sociolinguística variacionista ou Teoria Variacionista causadora de um grande impacto na linguística contemporânea.

Quando a Sociolinguística teve início, por volta do ano 1960, por William Labov, ele procurou mostrar uma ciência realista, enquanto os outros linguistas, na sua grande maioria, estavam com seus estudos voltados para a contemplação dos seus próprios idioletos. Sobre isso, Labov (2008, p.13) escreve:

[...] apesar de um considerável volume de atividade sociolinguística, uma linguística socialmente realista parecia uma perspectiva remota nos anos 1960. A grande maioria dos linguistas tinha se voltado resolutamente para a contemplação de seus próprios idioletos.

O ponto de partida desse estudo é o objeto da Sociolinguística, a língua falada, descrita e analisada em profundidade nas situações de uso do cotidiano, no

contexto social de uma comunidade linguística que divide o mesmo vocabulário e um conjunto de regras linguísticas. Podemos assim caracterizar uma comunidade de fala, não pelo modo como eles se comunicam verbalmente, mas pelas diversas redes de comunicações, sobretudo o conjunto de regras e normas dos usos linguísticos.

Mussalim (2001) afirma que, para Saussure, a língua é um fato social, um sistema convencional, que o indivíduo adquire no ambiente no qual está inserido, privilegiando o caráter formal e estrutural do fenômeno linguístico, levando em consideração a importância da natureza etnológica, política e histórica, institucionalizando a distinção entre uma Linguística interna e outra Linguística externa, sendo assim, o divisor de águas na contemporaneidade dos estudos linguísticos de maneira que orientações formais se opõem a orientações contextuais que se fragmentaram, surgindo as interdisciplinas: *Etnolinguística*, *Psicolinguística*, e *Sociolinguística*.

Abrindo um adendo, a Etnografia é uma área da sociolinguística que se preocupa com os detalhes da língua no uso oral. Posteriormente, Labov (2008) explica que, na etnografia da fala, há muitas descrições e análises para serem feitas dos padrões de uso da língua, bem como as inter-relações entre falante e ouvinte público e a maneira como os falantes utilizam os recursos das línguas para desenvolverem suas funções cotidianas.

O termo sociolinguística se fixou no ano de 1964, através de um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), que contou com a participação de grandes estudiosos da área, que posteriormente se tornaram grandes ícones da tradição dos estudos voltados para relação entre linguagem e sociedade.

Segundo Bright (1974 *apud* MUSSALIM, 2001, p. 28), a sua proposta para a sociolinguística era:

[...] a de que ela deve “demonstrar a covariação sistemática das variações linguísticas e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade”.

Brighth (1974) explica que a proposta desse evento era mostrar a Sociolinguística como a variação sistemática linguística e social, observando e

relacionando as variações linguísticas existentes numa mesma sociedade com estruturas sociais diferenciadas. Além disso, afirmou que o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, logo podemos afirmar que os fenômenos linguísticos no tocante ao contexto social, cultura, linguagem e sociedade são inseparáveis.

Quando passamos a observar uma comunidade linguística, verificamos uma diversidade de modos de falar. Esse fato na sociolinguística é denominado de variedades linguísticas. Assim sendo, a sociolinguística não trata a diversidade linguística como um problema, mas como uma qualidade que constitui o fenômeno linguístico.

Monteiro (2000) explica que a Sociolinguística pode ser depreendida em duas perspectivas de estudo diversificadas: a macrossociolinguística e a microssociolinguística. A primeira vem tratar das relações entre sociedade e as línguas no geral, discutindo questões como as consequências do multilinguismo no desenvolvimento econômico e as prováveis investigações políticas linguísticas adotadas por um governo. A segunda analisa as estruturas linguísticas e seus fatores sociais, utilizando testes estatísticos na tentativa de determinar as pressões condicionantes para a aplicação de uma dada regra variável.

Mediante o exposto, podemos afirmar que existem outras áreas do conhecimento que estudam a língua como objeto, porém, a sociolinguística teve um vasto crescimento, e podemos diferenciá-la claramente das demais disciplinas afins como: a Sociologia da linguagem, a Etnologia e Dialetoлогия etc.

Portanto, a Sociolinguística proposta por Labov é aquela com a finalidade de estudar a estrutura e a evolução da língua no contexto social da comunidade, cobrindo a área chamada de Linguística Geral, a qual lida com Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica. (LABOV, [1972], 2008).

Depois dessa discussão inicial, adiante veremos com mais riqueza em detalhes a sociolinguística variacionista defendida por Labov (2008), sobre a qual ele afirma contemplar o caráter social dos fatos linguísticos.

### 2.1.1 Sociolinguística variacionista

William Labov em seu modelo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, também conhecida a como Sociolinguística Quantitativa, procurou investigar com números e coletar dados estatísticos das variedades do inglês, faladas em Nova York, insistindo na relação entre língua e sociedade, e avaliando a sistematicidade da comunicação cotidiana na língua falada, bem como a variação existente dentro dessa língua num determinado grupo linguístico. Essa abordagem teve o estudo empírico das variantes linguísticas e seus aspectos sociais. (TARALLO, 1994).

Nas palavras de Labov (2008, p.13-14),

[...] existiam barreiras ideológicas para o estudo da língua na vida diária. Primeiramente, Saussure tinha enunciado o princípio de que os sistemas estruturais do presente e as mudanças históricas do passado tinham de ser estudados separadamente (1949:124). Este princípio tinha sido consistentemente erodido por Martinet (1955) e outros que encontraram estrutura nas mudanças passadas, mas pouco progresso fora feito na localização da mudança nas estruturas presentes. A segunda barreira ideológica afirmava explicitamente que a mudança sonora não podia, em princípio, ser observada diretamente. Bloomfield defendia a regularidade da mudança sonora contra a evidência irregular do presente declarando (1933:364) que quaisquer flutuações que pudessemos observar seriam apenas casos de empréstimo dialetal. Em seguida, Hockett observou que, embora a mudança sonora fosse lenta demais para ser observada, a mudança estrutural era rápida demais (1958:457). O estudo empírico da mudança linguística estava, portanto, eliminado do programa da linguística do século XX.

Para Labov (2008), estudar a variação social na língua é um dos aspectos do estudo das estruturações linguísticas variantes, levando em consideração que, para estudar tais estruturas, é preciso comprovação empírica na intenção de resolver problemas no nível funcional que até então permanecem insolúveis; o segundo aspecto são os métodos quantitativos que permitem a mudança linguística ao passar do tempo.

Partindo desse pressuposto, afirmamos que não podemos entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em consideração a vida social de uma comunidade em que ela ocorre, assim sendo, as mudanças linguísticas ocorrem continuamente na língua, não só num momento remoto, mas

agindo imanente no presente, pois a língua é um veículo usado para transmitir informações e, sobretudo manter intrinsecamente relação entre as pessoas, dessa forma, pode-se afirmar que entre a língua e a sociedade existe uma relação muito íntima. (MUSSALIM, 2001).

Segundo Labov (2008), o processo de mudança da linguística divide-se em três estágios. No início a mudança é limitada ao uso de algumas pessoas, na sua disseminação a mudança é perceptível por um número muito amplo de falantes fazendo um contraste com a forma mais ampla e antiga de interação social e, no seu término, ela elimina regularmente suas variantes concorrentes.

Labov ([1972], 2008 *apud* MONTEIRO, 2000) afirma que existem dois aspectos fundamentais que precisam ser colocados em discussão, o primeiro está relacionado ao caráter social dos fatos linguísticos e o segundo à variabilidade em que tais fatos estão inseridos.

Para tanto, podemos afirmar que a finalidade de uma língua é basicamente utilizá-la como meio de comunicação e, assim sendo, ela passa a ser executada como expressão da cultura em que está inserida, não podendo separar a língua da sociedade, pois se inter-relacionam, não podendo existir uma sem a outra.

Monteiro (2000) afirma que um dos aspectos condicionantes da língua é o sistema linguístico que reflete o ambiente físico, isto é, a organização do léxico, visto que cada comunidade fala de acordo com a necessidade social designada para dar nome à sua realidade. Outro aspecto condicionante da língua é o ambiente social que pode ter influência sobre a estrutura do vocabulário.

Segundo Labov (1968 *apud* MONTEIRO, 2000, p.111):

A variação no comportamento linguístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento linguístico muda rapidamente quando muda a posição social.

Diante do exposto, para Labov uma das tarefas da sociolinguística é descrever a língua nos quesitos funcionalidades e sociedade. Para o autor, a comunidade precisa ao menos seguir a norma padrão de sua língua para ser reconhecida como comunidade de fala.

Contraopondo Labov, Fischman (1972 *apud* MONTEIRO, 2000) afirma que, para ser uma comunidade de fala, é necessário que o grupo social possua pelo

menos em comum uma variedade linguística e usando-a corretamente. Já Romaine (1994 *apud* MONTEIRO, 2000, p. 41) conceitua comunidade de fala como um grupo de pessoas que juntos utilizam as normas e as regras corretamente e não compartilham a mesma língua, a saber: “[...] as fronteiras entre as comunidades de fala são essencialmente mais de caráter social do que linguístico”.

Depois dessa exposição sobre a Sociolinguística Variacionista, discorreremos sobre a Sociolinguística Interacionista, que tem como objetivo as diversas maneiras de interação social.

### 2.1.2 Sociolinguística interacionista

Além da Sociolinguística variacionista, a que nos referimos no tópico anterior, destacamos a Sociolinguística variacionista interacionista que observa as reações do indivíduo em situações de interações face a face dentro de certo ambiente social. Foi com base nesta que surgiu a Sociolinguística Escolar, por Bortoni-Ricardo (2004), com o objetivo de analisar o discurso oral em sala de aula. No entanto, nesta parte, é da sociolinguística interacionista abordada por Garcez (2002) que vamos discutir.

Garcez (2002) discorre que a sociolinguística interacionista aconteceu por volta das décadas de 1960 e de 1980, trazendo um importante trabalho social, uma tradição de pesquisa de análise do discurso, baseada na pesquisa qualitativa empírica e interpretativa com o objetivo de estudar o uso da língua na interação social. Contudo, essas tradições são necessariamente dos fenômenos linguísticos não verbais, sociais, entre outros que cooperam no âmbito da comunicação humana.

Na sociolinguística interacionista, o que entra em “debate” ou em evidência é a posição do interlocutor, que procura entender o significado do discurso a partir do contexto interacional ressaltando a natureza dialógica da comunicação humana. (GARCEZ, 2002).

Para ocorrer um processo de interação entre falante e ouvinte, ambos têm papéis fundamentais e ativos na elaboração da mensagem, para que ela seja de relevância e passe a ser compreendida por todos os participantes. Portanto, podemos afirmar que a cada momento surge uma variável social que vem influenciando sistematicamente no comportamento linguístico como sexo, idade,

país de origem, classe social, escolaridade. Devido a esses fatores determinantes no comportamento linguístico ocorre uma extensão de relações variadas com a estruturação fonêmica, mórfica, fonética, sintática da linguagem (GOFFMAN, [1964], 2002).

Para Goffman ([1964], 2002), além desses fatores linguísticos determinantes para ocorrer uma interação social, dispomos também das situações sociais que é um ambiente dotado de possibilidades em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos dos outros indivíduos e que essa situação acaba no momento em que um ou mais indivíduos se retira da presença imediata do outro, encerrando o turno conversacional.

Na situação explicitada, afirmamos que ocorreu a fala, pois o processo de fala é socialmente organizado, não apenas de quem fala para quem fala ou em que língua fala, mas também em interações face a face. Em suma, num encontro social, momento em que um indivíduo requisita a fala e é cedida pelo falante. Podemos perceber nas palavras do autor Goffman que:

A fala é socialmente organizada, não apenas em termos de quem fala para quem em que língua, mas também como um pequeno sistema de ações face a face que são mutuamente ratificadas e ritualmente governadas, em suma, um encontro social. (GOFFMAN, [1964] 2002, p. 19).

Ademais, tal conceito tenta explicar o que leva um falante a representar a escolha de gestos, palavras, frases, estruturas, posturas corporais para se expressar de acordo com o momento da fala, entretanto, precisa levar em consideração as predisposições do ouvinte para poder assimilar o que o interlocutor está falando.

Philips ([1972] 2002), na sua dissertação, considera três objetivos para mostrar as variadas formas de interações, a saber: no primeiro, ele evidencia a interação face a face, na qual seu único foco é a fala; no segundo, mostra o sistema de organização de interação realizado pelos modos verbais e não verbais; e no terceiro, explora a diversidade de variáveis e as propriedades sugeridas como universais.

Segundo Goffman (1974 *apud* Philips, [1972] 2002, p. 28), existem dois tipos de interlocutores o “não ratificado” e o “ratificado”. Chamamos de interlocutores “não ratificados” aqueles a quem o falante não está dirigindo a palavra diretamente, e os

ratificados a quem o falante está dirigindo a palavra diretamente. Esse evento de interlocutor ratificado ocorre em parte de maneira não verbal, sobretudo, em discussões nas salas de aulas. Na oportunidade, a professora distingue os interlocutores ratificados e não ratificados pelo alinhamento corporal quando a professora vira o corpo e a cabeça para a pessoa a quem se dirigiu e assim por diante.

Temos vários métodos de identificar um interlocutor ratificado, pode ser através de um olhar, podendo também ser realizada verbalmente, demonstrando que o sujeito a quem a palavra é dirigida desenvolve maior número de expressões faciais ou corporais correspondendo assim à passagem do turno da fala.

Nas palavras de Gumperz (1982), a linguística é muito diversificada, pois funciona como recursos comunicativos nas interações verbais cotidianas e inferem categoricamente com intenções de aprender, baseando-se nos conhecimentos estereotipados que estão relacionados às diferentes maneiras de falar. “Tenho defendido a ideia de que a diversidade linguística é mais do que uma questão de comportamento.” (GUMPERZ, 1982, p. 150).

Com esse conjunto de informações internalizadas, podemos trabalhar nos dilemas inerentes às abordagens tradicionais da sociolinguística que vêm dos fenômenos sociais generalizados e isolados por critérios não linguísticos, tais como: classe social, profissão, residência, faixa etária que usam os fenômenos para explicar o comportamento individual.

Veremos no tópico a seguir, mais um exemplo de interação, dessa vez a sociolinguística em sala de aula. Através dela, podemos ver várias formas de interação dos indivíduos no âmbito escolar já que a sociolinguística escolar surgiu decorrente da sociolinguística interacionista.

### 2.1.3 Sociolinguística escolar

A sociolinguística escolar é uma vertente da sociolinguística interacionista, visto que a sala de aula, é um ambiente onde acontecem vários tipos de interação, seja ela oralmente, por gestos, interações face a face, que foram largamente discutidas por Garcez (2002).

Em uma pesquisa sociolinguística realizada por Bortoni-Ricardo (2004), foi constatado que crianças de grupos minoritários apresentavam desempenhos escolares muito inferiores que os das crianças de classe média e de classe alta. De acordo com a autora, essas diferenças podem ser explicadas pelo grau de letramento que as crianças possuem no ambiente familiar, portanto, a maior dificuldade das centrais de educação é fazer com que o aluno aprenda a ler e escrever e desenvolvam habilidades de alfabetização.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2004), os linguistas vêm se empenhando a cada dia em pesquisas e em elaborações teóricas para descrever o português brasileiro na forma mais fiel possível da nossa realidade linguística, capazes de interferir nas formas de ensinar a língua nas escolas.

Para Bortoni-Ricardo (2005), das sociedades ditas tradicionais ainda são conservadas no Brasil pelo menos duas características fundamentais da nossa língua: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão. Ou seja, na população brasileira é muito grande a variação linguística devido à extensão territorial e à maioria da população não ter acesso à escolarização, sobretudo na zona rural.

Mediante essas circunstâncias, a gramática precisa ser adequada às mais diversas formas de linguagens existentes na sociedade. A escola precisa desmistificar a homogeneidade da língua e que o português correto é a norma culta do livro didático. Logo, os gramáticos precisam entender que num território tão vasto é impossível que todos os habitantes falem uma mesma língua.

Das sociedades ditas tradicionais, conserva o Brasil pelo menos duas características: a grande variação no repertório verbal e o acesso limitado à norma-padrão. Apresenta, todavia, a característica da fluidez e da permeabilidade típicas das sociedades modernas, que resulta numa situação de um gradiente de variabilidades linguísticas, muito diferente da dialeção discreta e compartimentada das sociedades de castas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 22).

Para Bortoni-Ricardo (2004), as diferenças linguísticas rurais e urbanas diferem como uma linha imaginária contínua como duas pontas na qual em uma delas estão situados os fatores rurais mais isolados, na outra ponta situam-se os fatores urbanos que, diacronicamente foram sofrendo a influência de codificação linguística no processo sócio-histórico tais como, a definição do padrão correto de

escrita que ficou conhecido como ortografia do padrão correto de pronúncia e a ortoépia ficou conhecida como a composição de dicionários e gramáticas.

A autora explica que, numa das pontas da linha desse contínuo, estão situadas as variedades rurais mais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas, e na outra ponta, estão situadas as variedades urbanas que recebem influências dos processos de padronização da língua. E entre as duas situam-se os grupos rurbanos, que são formados pelos migrantes rurais que preservam suas culturas, principalmente o seu repertório linguístico e as comunidades interioranas, como os distritos, que recebem influência urbana pela mídia e por outros meios de comunicação.

A autora Bortoni-Ricardo (2005, p. 26), afirma ainda que, “resguarda-se, assim, o direito que o educando possui a preservação de sua identidade cultural específica, seja ela rural ou urbana, popular ou elitista”. Isto é, a cultura de cada aluno precisa ser valorizada pela instituição de ensino, ensinando aos mesmos a valorização da sua variedade linguística seja ela pertencente a qualquer classe social, assim sendo, eles entenderão que em cada grupo de falante existe uma variação e possui um dialeto diferenciado.

Devido ao estereótipo de que a cultura letrada pertence às camadas sociais privilegiadas é que surge a pergunta: o que podemos fazer para que a escola deixe de ser esse canal que transmite essa desigualdade social e que os professores de ensino fundamental possam levar os alunos a acreditarem que não existe “erro de português” e sim fenômenos de variações e mudanças linguísticas? Tal eventualidade consiste em um (pseudo) conceito de que falar diferente é errado. Entretanto, esse não é um fenômeno linguístico e sim, é um fenômeno sociocultural que é decorrente dos vários critérios de avaliação preconceituosa que parte dos cidadãos pertencentes às classes privilegiadas e lançam sobre todas as outras classes sociais.

As palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p. 8) explicam a noção de erro na fala: “[...] a noção de ‘Erro’ nada tem de linguística – é um (pseudo) conceito estritamente sociocultural, decorrente de critérios de avaliação (isto é, dos preconceitos) [...]”. Para a autora, até hoje os professores não sabem se colocar diante de uma situação como “erros de português”, porém esses chamados “erros de português” são diferenças entre as variedades da língua que ocorrem frequentemente pelas variedades usadas no convívio domiciliar, onde a oralidade é predominante de

maneira informal, porém diferente da formalidade da cultura de letramento utilizadas nas escolas. Partindo do ponto de vista linguístico, o erro não existe, o que de fato acontece são formas diferentes de utilizar os recursos que estão presentes na nossa língua.

Devido a uma polêmica entre a postura que rotula “erro” como deficiência do aluno e a outra que defende “erro” como simples diferença entre as duas variedades, nas últimas décadas surgiu uma discussão entre os educadores brasileiros e os linguistas, dando destaque especial ao assunto de maneira que chegaram à conclusão de que, pedagogicamente, é incorreto usar o erro do aluno para tentar humilhá-lo.

Por outro lado, vemos que a pedagogia habitualmente é sensível aos saberes do educando, respeitando as diferenças culturais que eles representam e a cultura da escola. Bortoni-Ricardo (2004, p. 38) afirma que: “[...] uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola [...]”.

Usando as palavras de Bortoni-Ricardo (2004), a postura do professor mediante o aluno de não usar a norma culta, depende do tipo de evento em que essas regras ocorrem, e que em geral os professores nunca intervêm durante a oralidade, são basicamente realizadas sem monitoração e sem muita exigência. A autora nos afirma ainda que uma pedagogia que é suscetível aos saberes dos educandos, mediante uma realização não formal da língua pelo aluno, precisa agregar dois componentes, a saber: a identificação da diferença e a conscientização da diferença. A identificação pode ser prejudicada pela inexistência de conhecimento da norma padrão pelo professor, e a conscientização fomenta mais dificuldades, porque é preciso conscientizar o aluno quanto às diferenças para que ele possa se monitorar, desde que essa conscientização não cause nenhum prejuízo ao aprendizado do aluno, preferindo adiar a intervenção para que a ideia não seja interrompida.

Uma pesquisa realizada por Bortoni-Ricardo (2004) vem nos mostrar que existem professores inseguros sem saber como devem corrigir e quais erros corrigir ou se podem falar que são erros, assim sendo, foram identificadas algumas posturas de professores perante uma realização de uma regra linguística não padrão pelos alunos:

- o professor identifica “os erros de leitura”, isto é, erros na decodificação do material que está sendo lido, mas não faz distinção entre diferenças dialetais e erros de decodificação na leitura tratando-os todos da mesma forma;
- o professor não percebe o uso de regra não padrão. Isto se dá por duas razões: ou o professor não está atento ou o professor não identifica naquela regra uma transgressão porque ele próprio a tem em seu repertório. A regra é, pois, “invisível” para ele;
- o professor percebe o uso de regras não padrão, e prefere não intervir para não constranger o aluno;
- o professor percebe o uso de regras não padrão, não intervém, e apresenta, logo em seguida, o modelo da variante padrão. (RICARDO-BORTONI, 2004, p. 38).

O comportamento de um professor mediante o uso da regra não padrão pelos alunos depende de como ocorre, e como regra geral, o professor quase nunca intervém, corrigindo-os durante a realização de um evento de oralidade, quase sempre sem exigência ou qualquer monitoramento.

Assim sendo, podemos afirmar que nenhuma cultura é padrão e nenhuma língua pode ser considerada inferior. Mediante isso, vemos que a língua não é um sistema homogêneo, mas, heterogêneo, reconhecendo a ordenada existência de muitas variedades na língua.

## 2.2 HETEROGENEIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No Brasil, há séculos as pessoas com uma tradição de escrita familiarizaram uma ideia no sistema educacional de que a língua é um conjunto com pronúncias particulares de regras gramaticais e palavras que foram selecionadas para serem chamadas norma culta ou modelo de língua certa, precisando ser conservada pela sociedade. A mesma era denominada patrimônio cultural ou tesouro nacional. A língua é uma atividade social que é empreendida por todos os falantes cada vez que interagem uns com os outros através da fala ou da escrita. (BAGNO, 2007).

Segundo Bagno (2007), tradicionalmente na língua a norma padrão é denominada como um produto homogêneo na qual todas as regras se encaixam umas nas outras, porém para os sociolinguistas a língua é heterogênea, variável, instável, múltipla em constante transformação, ademais, o estado natural da língua é a mudança linguística, pois os indivíduos vivem em sociedade em épocas

diversificadas, instáveis, sujeitos a transformações, portanto, seria paradoxal afirmar que a língua é homogênea.

Para Bagno (2007), a Sociolinguística vem no seu objetivo central fazer correlação entre heterogeneidade linguística e heterogeneidade social, conseqüentemente elas estão entrelaçadas e inseparáveis, dependendo assim uma da outra, nos mostrando assim, que é impossível estudar a língua sem fazer relação com a sociedade em que esta língua é falada, pois é necessário levar em consideração a correlação entre os grupos linguísticos e os indivíduos que se unem por meio da linguagem.

Para Bortoni-Ricardo (2014), no Brasil podemos observar diversas variedades linguísticas, nas comunidades mais antigas ainda prevalecem suas origens linguísticas e suas identidades, sejam elas pelo sotaque ou expressões típicas.

Conforme Bagno (2007, p. 38, grifo do autor), a sociedade letrada brasileira possui duas realidades linguísticas compostas por dois grandes polos:

(1) a variação linguística, isto é, a língua em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar *neutralizar* os efeitos de variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes.

Assim, podemos afirmar que esses dois polos se relacionam, a norma padrão influencia a variação linguística e vice-versa, mesmo sabendo que a norma padrão é um produto cultural, ainda que seja apenas para um nível de discurso, da ideologia, fazendo assim parte da vida social, bem como de toda investigação sobre a língua e sociedade ela tem que fazer parte.

Pois bem, para um aperfeiçoamento da nossa pesquisa sobre a variação linguística será preciso averiguar os fatores extralinguísticos que auxiliam na identificação dos fenômenos de variação linguística dos quais citarei os mais relevantes. Os sociolinguistas selecionaram uma série de fatores que podem nos auxiliar na identificação dos fenômenos da variação linguística, dentre eles:

- **ORIGEM GEOGRÁFICA:** a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.: outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa;

- **STATUS SOCIOECONÔMICO:** As pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;
- **GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO:** o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele, à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;
- **IDADE:** os adolescentes não falam do mesmo modo que falam seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;
- **SEXO:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;
- **MERCADO DE TRABALHO:** o vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;
- **REDES SOCIAIS:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos está também o comportamento linguístico. (BAGNO, 2007, p. 43-44, grifo do autor).

Porém, apesar de todos esses fatores extralinguísticos, pesquisas desenvolvidas por linguistas afirmam que o fator social de maior impacto sobre a variação linguística é o grau de escolarização que vem coligado com o sistema econômico, mostrando que uma escola de qualidade, melhores empregos e postos de comando da sociedade são ocupados por cidadãos mais escolarizados, isto é, são limitados às pessoas com renda econômica mais elevada.

Esclarecemos que esses fatores de ordem externa à língua interferem para a variação da língua. E, portanto, é necessário estarmos atentos a esses fatores no processo de ensino e aprendizagem da língua, ademais, essa vertente vem se desenvolvendo em cima de vários processos de fenômenos variacionais no que se refere ao português brasileiro, contribuindo nas relações de ensino e aprendizagem para as melhorias da qualidade do ensino da Língua Portuguesa, sobretudo no ensino fundamental e para trabalhar a realidade linguística dos usuários dessa língua. Segundo Bagno (2007), a variação linguística ocorre em todos os níveis da língua, logo mais, trataremos dos fatores internos à língua;

- **Variação Fonético-fonológica** - pense em quantas pronúncias você conhece para o R da palavra PORTA no português brasileiro;
- **Variação morfológica**- as formas PEGAJOSO e PEGUENTO exigem sufixo diferentes para expressar a mesma ideia;
- **Variação sintática** - nas frases UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL / UMA HISTÓRIA QUE NINGUÉM PREVÊ O FINAL DELA / UMA HISTÓRIA CUJO FINAL NINGUÉM

PREVÊ, o sentido geral é o mesmo, mas os elementos estão organizados de maneiras diferentes;

- **Variação semântica** - a palavra VEXAME pode significar “vergonha” ou “pressa”, dependendo da origem regional do falante;
- **Variação lexical** - as palavras MIJO, XIXI e URINA se referem todas à mesma coisa;
- **Variação estilo-pragmática** - os enunciados QUEIRAM SE SENTAR, POR FAVOR E VAMO SENTANO AÍ GALERA correspondem a situações diferentes de interação social, marcados pelo grau maior ou menor de formalidade do ambiente e de intimidade entre os interlocutores, e podem inclusive ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes. (BAGNO, 2007, p.139-140, grifo do autor).

Para a sociolinguística não existe falante de estilo único, todo indivíduo se adapta rapidamente à maneira de falar independente do grau de instrução, classe social ou faixa etária. (BAGNO, 2007).

Segundo Bagno (2007), a sociolinguística vem subdividida em alguns adjetivos, a saber: *Variação diatópica*, ela verifica a comparação dos modos de falar de vários lugares, dentre elas, as grandes regiões, zonas rurais e zonas urbanas; *variações diastráticas* verificam os modos de falar das diferentes classes sociais; *variação diamésica* faz comparação entre a língua falada e a língua escrita, e nessa análise o que entra em debate é o gênero textual; *variação diafásica* verifica o uso que cada indivíduo faz na língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal; *variação diacrônica* verifica as etapas de mudanças na língua com o passar dos tempos.

Diante do exposto por Bagno (2007), a sociolinguística é também conhecida como *variedade linguística*, pelos modos de falar que se correlacionam com os fatores sociais de idade, sexo, lugar de origem, classe social e grau de instrução.

Partindo do pressuposto da heterogeneidade da língua, segundo Bagno (2007), a sociolinguística afirma que *toda língua é um feixe de variedades*, assim sendo, podemos observar que de acordo com fatores sociais, jovens entre 18 e 25 anos com escolaridade inferior a 4 anos, residindo na periferia de São Paulo, possuem uma variação linguística que, por sua vez, difere do uso da língua das mulheres agricultoras do sertão da Paraíba com mais de 60 anos e analfabetos, diferindo também dos traços linguísticos dos homens com mais de 40 anos e moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro com curso superior completo.

Devido a esse feixe de variedades linguísticas, elas são designadas por nomes particulares:

- **Dialeto:** é um termo usado há muitos séculos na Grécia antiga, para designar o modo característico de uso da língua num determinado lugar, região, província etc. Muitos linguistas empregam o termo dialeto para designar o que a sociolinguística prefere chamar de variedade.
- **Socioleto:** designa a variedade linguística de grupos de falantes que compartilham as mesmas características socioculturais (classe socioeconômica, nível cultural, profissão etc.).
- **Cronoleto:** designa a variedade própria de determinada faixa etária, de uma geração de falantes.
- **Idioleto:** designa o modo de falar característico de um indivíduo, suas preferências vocabulares, seu modo próprio de pronunciar as palavras, de construir as sentenças etc. (BAGNO, 2007, p. 48, grifo do autor).

Na sociolinguística, também podemos ver o Vernáculo, que é uma investigação de fenômenos linguísticos na área da mudança linguística que afeta uma língua sincronicamente e afirmando que cada grupo social possui um vernáculo, que é um estilo próprio de cada comunidade e é representada por um menor grau de formalidade, mas espontânea e menos monitorada. (BAGNO, 2007).

Entretanto, a gramática tradicional procura difundir uma língua como sendo homogênea e estável, mas, em contrapartida, a linguística vem reconhecendo a língua intrinsecamente heterogênea, mutante e variável, pois uma sociedade multifacetada e dinâmica tende a se apresentar com uma língua usando os mesmos traços; na ocasião, a gramática mostra que existe uma única forma de falar, mas a linguística vem quebrando esse tabu, demonstrando que todas as formas de expressão verbal tem uma organização gramatical.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 15), a escola não pode deixar de mostrar que existem diversas maneiras de falar a mesma coisa e não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, ou seja, “a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa”.

Mediante isso, essas diversas formas alternativas servem de propósitos comunicativos diversificados e recebidos pela sociedade de maneira distinta, para uns aumentam a credibilidade e o poder de persuasão quando prestigiam a fala do falante, para outros tratam com diminuição ou imagem negativa diante da sociedade, diminuindo-lhe as oportunidades.

Para um melhor aporte teórico veremos a seguir um capítulo que nos traz os objetivos dos Parâmetros Curriculares Nacionais e as teorias para práticas discursivas em sala de aula.

### 2.3 OS PCN E A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

O principal objetivo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, de um modo geral, é ajudar aos professores com novas concepções teóricas, elaborações de propostas didáticas, contribuindo assim para uma atualização profissional e, sobretudo, tornar a escola mais eficiente.

Os PCN da Língua Portuguesa referem-se, no âmbito linguístico, à variação linguística espalhada em toda parte do país, mostrando as diferenças entre língua oral e língua escrita. Nesse sentido, concordamos que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum se considerarem as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. (BRASIL, 1997, p. 60).

Assim sendo, podemos afirmar que há muitos preconceitos linguísticos, pois mesmo o Brasil sendo um país diversificado linguisticamente, ainda se discute a padronização da fala, considerando pessoas das classes menos favorecidas desprestigiadas ou que “falam errado”.

Os PCN vêm nos trazer que o preconceito linguístico abordado em todos os âmbitos da vida do indivíduo, seja cultural, social, escolar, precisa ser combatido, pois essas práticas mutilam a cultura e desvaloriza as origens. A fala do aluno vem nos mostrar que no processo ensino-aprendizagem devem-se conhecer as diferentes formas do português. A própria escola precisa desmistificar esse conceito que existe de uma única forma certa de falar. É necessário reconhecer a valorização do ambiente no qual o aluno está inserido, assim, podemos afirmar que:

O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença.

Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar — a que se parece com a escrita — e o de que a escrita é o espelho da fala — e, sendo assim, seria preciso “consertar” a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1997, p. 26).

Mediante o exposto, perguntamo-nos qual a parcela de responsabilidade da escola no tocante ao preconceito linguístico existentes no ambiente escolar e, se realmente existe a forma correta de falar.

Os PCN (1997, p. 26) afirmam que “a questão não é falar certo ou errado”, o que importa é saber usar a maneira formal no contexto da comunicação, se adequando às diferentes formas de situações comunicativas, a questão não é corrigir a forma de falar, mas adequar-se às circunstâncias de uso para que a intenção comunicativa chegue de maneira clara ao interlocutor a qual o texto se dirige.

Conseqüentemente, o aluno, ao adentrar no âmbito escolar, já traz sua bagagem de variação linguística, menos a norma culta. A escola, por sua vez, precisa ser cautelosa ao tratar de variedade linguística para não reproduzir a discriminação linguística no seio escolar e tratar essas diferentes como se fossem um desvio da língua ou incorretas.

Os PCN de língua portuguesa: 6° ao 9°ano do ensino fundamental vêm fomentar que o estudo da variação é de suma importância para a formação da consciência linguística e crítica dos alunos e que deve estar sempre presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Nas palavras de Soares (2002), o fracasso reside nas escolas por valorizar a cultura das classes capitalistas que têm os padrões de cultura considerados “certo”, assim sendo, os alunos provenientes das classes menos favorecidas encontram padrões culturais que divergem dos seus, sobretudo são desprezados culturalmente, e considerados como “errados”, sofrendo uma marginalização cultural.

A escola precisa desmistificar esse preconceito proveniente das classes dominantes e ensinar o respeito às diferenças e mostrar que não existe uma única forma certa de falar, pois esse comportamento faz com que o educando se sinta mutilado culturalmente e desvalorizado no âmbito escolar pela sua forma de falar, sentindo que sua comunidade é formada por pessoas incapazes. (BRASIL, 1997).

Para Bortoni-Ricardo (2005), o professor precisa explicar para o aluno que existem mais de uma maneira de falar a mesma coisa e que o propósito comunicativo é recebido de forma diferenciada pela sociedade, em uma o falante tem prestígio aumentando o poder de persuasão, e em outras pode formar uma imagem negativa do falante.

Já Antunes (2007) explica que, para ter uma boa comunicação, não basta apenas saber regras gramaticais. Esse processo vai muito além, é preciso saber fazer o uso da língua na produção oral, na produção de escrita e na compreensão da leitura.

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas regras específicas da gramática, das diferentes classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente. (ANTUNES, 2007, p. 41).

Partindo desses estudos sobre a variação linguística, sobretudo o papel dos PCN no que diz respeito às variações linguísticas, podemos ver como trata o assunto no contexto ensino-aprendizagem, mostrando que o fato não é de corrigir a forma de falar, mas adequar às circunstâncias de uso, quando se fala adequado produz o efeito pretendido.

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta é uma pesquisa qualitativa que usa a Etnografia e a Análise da Conversa. A Etnografia estuda a cultura dos povos, e a interação social. O pesquisador tem uma compreensão de regras e costumes devido à experiência direta que ele tem com o grupo observado e a Análise da Conversa estuda o uso da linguagem dos indivíduos na comunidade de fala. (JOHNSTONE, 2000).

Segundo Angrosino (2009, p.16), "estudar a cultura, envolve um exame de comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo". A etnografia está diretamente ligada à descrição do povo e ao método de observação do participante. É a maneira de estudar grupos sociais e a peculiaridade que caracteriza um grupo.

O campo de pesquisa é a Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro que oferta atualmente a Educação Básica na modalidade de Ensino Fundamental II, e atende 469 alunos distribuídos entre 22 turmas, que estão assim organizadas: 12 turmas no turno da manhã, 06 no turno da tarde e 04 turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) à noite. Ao selecionar as turmas, são considerados alguns critérios tais como: faixa etária, nível de desenvolvimento e localidade onde moram. Os alunos que constituem o corpo discente desta escola estão dentro de uma faixa etária entre 10 a 50 anos, estando os alunos de 10 a 14 anos matriculados nos turnos diurnos, e os alunos com idade a partir dos 15 matriculados prioritariamente na EJA.

No que se refere à estrutura física, por não ter sido projetada para funcionamento de uma escola, não dispõe de espaços adequados para o pleno desenvolvimento das atividades didáticas, e seus compartimentos foram adaptados e organizados da seguinte forma: há doze salas de aulas, um laboratório de informática, uma sala de vídeo, uma biblioteca, uma sala para coordenação pedagógica, uma sala para professores, uma diretoria, uma secretaria, uma quadra de esportes, uma cozinha, seis banheiros, uma sala para material didático, uma sala para merenda escolar e ainda seis salas para depósito. Um dos principais problemas quanto a estrutura física são as salas de aulas que além de pequenas, são poucas ventiladas e com acústica, o que compromete em parte o processo de ensino-aprendizagem.

Os sujeitos colaboradores desta pesquisa foram: 18 alunos do 9º ano do ensino fundamental e o professor de língua portuguesa. O professor colaborador é do sexo masculino, nível socioeconômico médio-baixo, com idade de 30 anos, reside na Zona Rural do Município de São João do Rio do Peixe, possui Nível Superior, formado em Licenciatura em Letras pela UFCG, está concluindo a especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade São Francisco na cidade de Cajazeiras- PB e começou a cursar licenciatura em Pedagogia pela Faculdade Entre Rios - Piauí.

Os alunos colaboradores desta pesquisa, grande parte deles residem na Zona Rural do Município de SJRP, e outra parte na zona urbana, com faixa etária de 13 a 15 anos de idade. A sala está dividida entre meninos e meninas de nível socioeconômico baixo e médio baixo.

Escolhemos os alunos do 9º ano para essa pesquisa, por ser o ano final do Ensino Fundamental, tempo que acreditamos já terem consciência das diferenças de variação entre a modalidade oral e escrita da língua. A categoria de análise é a variação linguística em sala de aula.

Sob sigilo de identidade, ocorreu a observação das aulas de língua portuguesa como sujeitos colaboradores da pesquisa, o professor e os alunos. Na intenção de assegurar ao proposto na Resolução N° 466/12, a presente pesquisa submeteu ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), atendendo às exigências legais, considerando o risco mínimo existente para o levantamento dos dados de análise, uma vez que trabalha com seres humanos. Para efeito de análise, o professor foi decodificado com “P”; para um único aluno, utilizamos “A”, e para mais de um aluno “AS”.

O método de pesquisa foi a observação realizada na Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida (E.N.E.M.J.A.A.), para um primeiro contato com a direção. Levamos uma Carta de Anuência para a diretora autorizar a observação. Em seguida, conversamos com a professora que assinou o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido para que pudéssemos assistir e gravar as aulas. Os alunos assinaram o Termo de Assentimento, deixando assim tudo acertado para dia 17/07/2017 realizarmos a observação. No entanto, na data acertada não aconteceu a observação e gravação das aulas, pois a professora colaboradora estava enferma, afônica, dificultando assim a gravação das aulas, visto que o nosso trabalho é analisar o repertório do professor e do aluno.

Ao depararmos com tal situação, tivemos que imediatamente nos deslocar para outra escola, dessa vez para a Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro. Realizamos o mesmo procedimento feito na escola anterior. Na ocasião, marcamos a observação para o dia 20/07/2017. Ocorreram com sucesso as gravações e a observação das duas aulas de 40 minutos.

Os instrumentos de pesquisa foram: questionário e ficha de observação. O primeiro foi um questionário elaborado para a caracterização dos sujeitos colaboradores, em relação ao nível de escolarização, condição econômica e idade, sexo, local de origem. O segundo, para levantamento de *corpus* e verificar a variação linguística no discurso do professor e do aluno.

Como critérios de análise, elaboramos os seguintes questionamentos: 1) Como se apresenta a variação linguística no repertório do professor? 2) Como se apresenta a variação linguística no repertório do aluno?.

## 4 ANÁLISE

### 4.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR

Esta primeira parte da análise segue o critério 1 em que questionamos: Como se apresenta a variação linguística no repertório do professor? Este critério tem como finalidade alcançar parcialmente o quarto objetivo dessa pesquisa: caracterizar a variação linguística presente no repertório do professor e dos alunos, considerando a educação em língua materna, uma vez que nesta parte nos deteremos ao repertório do professor.

O professor é aquele responsável por apresentar ao aluno a fala e a escrita formal e deve introduzir neles o respeito e a aceitação pelos vários tipos de discursos; deve levar em consideração que cada aluno nasceu em um lugar ou em uma comunidade distinta, uns moram na zona urbana e outros na zona rural e trazem suas experiências orais maternas; além disso, deve aplicar as práticas de ensino, valorizando as variações como sendo objeto de estudo a partir da oralidade e da escrita, preconizando suas culturas e seus aprendizados.

No primeiro momento, P olha a turma, direcionando a palavra aos alunos, falando sobre o assunto, querendo respostas, usando assim a interação proposta por Garcez (2002), e citada por Goffman (1974/2002), denominando-os de interlocutores não ratificados, pois a palavra foi proferida e não direcionada a uma só pessoa. Vejamos:

P= nossa primeira frase, os alunos conversam baixo, porque estão na biblioteca/ vocês conseguem nesta oração identificar a minha causa e a minha consequência”  
 P= **dividu** eles estarem na biblioteca É a causa, a consequência é que eles vão fazê o quê”

Nos termos em destaque, podemos analisar o fenômeno linguístico que ocorre nas palavras, *a priori* mencionamos a palavra “divido” que é pronunciada por P ao invés de “devido”. Com esta palavra, é colocado em pauta o uso da sua língua materna que, segundo Bagno (2007), designa o modo característico de falar de um indivíduo, ou seja, é seu modo próprio de falar.

Nessa mesma situação, observamos que ocorreu um processo fonológico na qual ocorreu um alçamento vocálico que recai sobre as sílabas átonas e a vogal /e/ se torna /i/. No vocábulo observado, encontramos também aspectos linguísticos internos à língua de caráter lexical, pois mesmo falando “divido” ao invés de “devido” a mensagem foi repassada e compreendida ao interlocutor e as duas palavras representam a mesma coisa.

Levando em consideração os fatores extralinguísticos que influenciam na variação, consideramos que essa conservação na variação se justifica porque P reside na Zona Rural, trazendo consigo traço característico do ambiente onde mora, mantendo sua cultura, sua língua materna. Trabalhando por essa vertente, a sociolinguística considera que aspectos extralinguísticos interferem na variação da língua.

P= nas causais **vamus colocá** as conjunções certo” coloque aí, porque, visto que, que, posto que, uma vez que, e como anteposto a oração ( + ) ( + ).  
 P= para se **tê** uma oração, é necessário **tê** verbo, cadê o verbo da **sigunda** oração/  
 P= /.../ E **purquê** vai **compa-rá** uma coisa com a outra'

Nos vocábulos “**vamus**”, “**segunda**” e “**purquê**”; ocorreu a neutralização da vogal /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/, fenômeno fonológico que só aparece com firmeza nos vocábulos da linguagem coloquial (CAMARA Jr., 2009).

Ainda nas orações acima podemos encontrar fenômenos sintáticos, cujo verbo está devidamente colocado, seguindo os padrões linguísticos de concordância, no entanto, nos vocábulos “**Colocá,**” “**compará,**” “**tê,**” e “**fazê**”, o que aconteceu foi um fator fonológico de supressão do /r/ do verbo no infinitivo no final das palavras (BORTONI-RICARDO, 2004) denominado apócope<sup>1</sup>.

Ainda podemos dizer que, em razão desse fenômeno fonológico, ocorreu um morfológico, uma vez que foi retirado o morfema /r/ que representa a desinência de infinitivo nos verbos, alterando a forma do vocábulo.

---

<sup>1</sup> Para mais informações, consultar a Gramática Histórica da Língua Portuguesa de COUTINHO, Ismael de Lima (2011). A Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro, Bago, Marcos (2007)

P=/.../ na aula passada eu expliquei o que era uma oração e **cês** sabem o que é uma oração **né**.”

Nos traços graduais da língua, o vocábulo **Cês** é a variante do pronome de tratamento *ocê* que é derivado do tratamento antigo *Vossa Mercê*. Logo, ocorreu o mais um fenômeno fonológico pela queda do fonema no início da palavra que, segundo Bagno (2007), faz parte do vocabulário do brasileiro. Nas palavras de Bortoni (2004, p.55), essa variação “[...] obedeceu ao seguinte percurso: *vossa mercê* > *vosmecê* > *ocê* > (o) *cê*. As formas “*Ocê* e *cê* são muito usadas em estilos não monitorados por todos os brasileiros [...]”.

No vocábulo “**Né**”, observamos que o vocábulo “*não*” perdeu o ditongo “*ão*” no final da palavra, juntando a vogal /e/, submetendo-se ao processo fonológico da elisão<sup>2</sup>, que é a queda da vogal final da palavra quando a seguinte começa por vogal. Esta é uma forma tipicamente utilizada em todo território brasileiro.

Vejamos mais uma fala de P transcrita para análise da variação linguística.

P= a oração subordinada adverbial com'parativa estabelece uma relação de comparação com a minha oração principal certo” o próprio nome já diz comparativa É purquê vai compará uma coisa com a ou-tra’

P= as minhas orações subordinadas comparativas exercem uma relação de comparação a minha oração principal’ já disse isto a vocês/.../

Nesse evento, podemos observar um nível de linguagem mais formal, uma vez que há uma pronúncia completa e clara das palavras. P utiliza rigorosamente as normas gramaticais e a concordância nominal e verbal está devidamente bem colocada de acordo com o nível formal.

É oportuno falar que foi muito produtivo este trabalho, pois percebemos que P, apesar de possuir um grau de escolaridade de nível superior, traz consigo traços linguísticos provenientes de sua língua materna, concretizando assim que os fatores

---

<sup>2</sup> Para mais informações, consultar a Gramática Histórica da Língua Portuguesa de COUTINHO, Ismael de Lima (2011). A Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro, Bagno, Marcos (2007)

extralinguísticos da língua interferem na variação. No entanto, em todo tempo, P procurou se aproximar da língua padrão, demonstrando uma preocupação aceitável para quem trabalha com a língua portuguesa, que é a de oferecer ao aluno a possibilidade de estar em contato com a variação formal da língua.

Essa performance de P, de trabalhar a variação formal da língua, mas, na explicação, usar variações da informalidade, prova que a variação é um fenômeno natural de uso da língua e, portanto, é aceitável também na sala de aula, haja vista o professor, assim procedendo, chegar mais próximo da identidade aluno que, certamente, se sentirá motivado a mostrar-se em sala de aula.

A fala de P está marcada por constante variação, porém não há relatos de traços graduais não estigmatizadas, de forma que todo o processo analisado perpassou tanto a formalidade quanto a informalidade. Percebemos ao longo deste trabalho, no tocante às análises e audições das aulas, que P não tem a percepção da variação da sua própria fala em sala de aula, por isso encontramos na sua oralidade traços linguísticos provenientes do seu espaço geográfico em que ele está inserido.

Como afirma Bortoni-Ricardo (2004), que as diferenças rurais e urbanas seguem uma linha imaginária contínua com duas pontas, uma mostra os fatores rurais isolados, na outra ponta os fatores urbanos que vêm sofrendo gradativamente com as mudanças no processo sócio histórico. Ademais, entre essas duas pontas estão situadas os fatores rurbanos, que são migrantes que preservam suas culturas mesmo recebendo influência urbana através da mídia e por outros meios de comunicação, assim sendo, podem caracterizar P como um falante rurbano, pois possui antecedentes rurais com um grau de escolaridade de nível superior, no entanto, observamos que na análise linguística de P o que predomina é a linguagem coloquial, saindo da linguagem padrão, porém, em outras ocasiões ele utilizou a norma culta perfeitamente, nos mostrando que a nossa língua é indiscutivelmente heterogênea.

#### 4.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO ALUNO

Nesta segunda parte, trataremos da análise do repertório do aluno que nos possibilita responder ao questionamento feito no segundo critério de análise 2)

Como se apresenta a variação linguística no repertório do aluno? A finalidade primeira é concluir a segunda parte da análise que permite atender totalmente o quarto objetivo do nosso trabalho que é: caracterizar a variação linguística presente no repertório do professor e dos alunos. Assim sendo, procuramos nos deter à fala dos alunos, uma vez que analisamos os tipos de variedades em seus falares, levando em consideração os fatores externos ou extralinguísticos que influenciam os fatores internos à língua.

A: professor, explique **di novo purquê** a gente aqui **tarra nu** curso/ **tarra nu** curso

Na fala de A, no termo “**di**” ao invés “de” e no termo “nu” ao invés de “no” e **purquê** ao invés de porquê, observamos que a vogal /e/ do final da palavra “de” e “o/ “no” final do vocábulo “nu” e a vogal “u” do vocábulo “purquê” ocorreu uma redução das vogais /e/ e /o/ que são vogais médias para /i/ e /u/ em sílabas átonas, Nesta pronúncia, encontramos traços marcantes de uma linguagem tipicamente usada em todo país, fazendo parte da variação linguística, dialeto que são modos característicos de uso da língua de um lugar, região ou província. (BAGNO, 2007).

No vocábulo pronunciado “**tarra**” ao invés de pronunciar *estava*, ocorreu uma variação sintática, onde o verbo da terceira pessoa do plural estávamos, foi trocado pela palavra “tava” e a supressão de um segmento sonoro inicial *es*, ocorrendo um processo de variação fonológica denominada aférese<sup>3</sup>.

Além disso, ocorreu uma queda de fonemas no final da palavra denominada por apócope<sup>4</sup> que foi a perda da desinência número pessoal do verbo e, conseqüentemente, ocorreu um novo processo linguístico que foi a troca do fonema “v” pela geminação do “r” no meio da palavra, fugindo completamente dos padrões linguísticos, isto é, das regras gramaticais, trazendo traços descontínuos da língua, usando a fala coloquial que, para Bortoni-Ricardo (2004), são os chamados falantes rurbanos. Trata-se de migrantes de origem rural, predominando seu repertório linguístico.

---

<sup>3</sup> Para mais informações, consultar A Gramática Histórica da Língua Portuguesa de COUTINHO, Ismael de Lima (2011). A Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro, Bagno, Marcos (2007)

<sup>4</sup> Para mais informações, consultar a Gramática Histórica da Língua Portuguesa de COUTINHO, Ismael de Lima (2011). A Gramática Histórica: do latim ao português brasileiro, Bagno, Marcos (2007)

A= ei professor **tão** dizendo que a sala **tão** cheia de **câmara**'

Em **a sala tão cheia de câmara**, percebe-se a falta de concordância verbal. Poderia ser *a sala tá cheia*, ou formalmente *a sala está cheia*. Houve a queda do fonema no início da palavra, pois a palavra formal seria “estão”. Ocorreu mais uma vez o fenômeno fonológico aférese. Pudemos observar que esse processo linguístico é influenciado por variações extralinguísticas, reiterando que o espaço geográfico e a classe social na qual o aluno está inserido influenciam processos linguísticos.

A pronunciou a palavra “**câmara**” no sentido de câmera fotográfica, ocorrendo assim um fenômeno linguístico semântico. Para ele, a palavra câmara tem o mesmo significado de câmera, no entanto, são palavras distintas, câmara é considerada um ambiente, um recinto onde se fazem reuniões, e câmera é um aparelho que tira fotos ou filma, assim sendo ocorrendo uma mistura de palavras e de sentidos.

A= e' professor ela vai assistir as aulas do **sinhô tudim**"  
A= ixiste

Nos vocábulos **sinhô**, e **ixiste**, percebemos um traço de oralidade tipicamente ruralista, influenciado pelas variantes extralinguísticas, isto é, a origem geográfica que são as características da fala em diferentes áreas geográficas, sobretudo dentro de um mesmo estado. As vogais pretônicas /e/ e /o/ são reduzidas para /i/ e /u/, é um traço de manifestação oral do português brasileiro segundo Bortoni-Ricardo (2004). O *status* econômico também é um dos fatores influentes para tais variações acontecerem, pois ele nos traz um aluno de classe menos favorecida, com traços rurbanos em seus falares.

Encontramos ainda variações com fatores na queda do fonema /e/ pelo fonema /i/, em **sinhô**, caracterizando assim uma permuta por metafoia que é a modificação do timbre de uma vogal resultante da influência que uma exerce sobre a outra. Outra variação foi a queda do fonema /r/ no final da palavra, também em **sinhô**, ocorrendo o fenômeno apócope.

O vocábulo “**tudim**” vem de uma modificação da palavra *tudo*, ocorrendo uma variação lexical. Nesse termo, encontramos a variedade linguística dialeto, que é um termo regional. Observamos que A é proveniente de uma classe menos favorecida, e seu pais são pertencentes à zona rural e tem baixa escolaridade. Nesse contexto, encontramos a variação linguística fonológica por acréscimo **tudim** no final da palavra.

Vejamos mais uma fala de A transcrita para a variação linguística.

A= oração principal, conforme acertamos/  
 A= não tem não tem”/ quer dizer, eu acho’  
 A= causa é porque estão na biblioteca e a consequência é os alunos conversam baixo/

Nas expressões acima, encontramos traços contínuos da fala, gramaticalmente seguindo a norma, ou seja, na norma padrão, não só apenas nesses dois eventos, mas em outras ocasiões A fala formalmente, traz em sua oralidade fatores de variação sintática, os termos bem colocados na frase, quando ocorreu a concordância verbal. Observamos que A ora fala de maneira coloquial e ora fala a norma padrão.

Portanto, podemos dizer que em sala de aula ocorreram variedades linguísticas, com influências claras da origem geográfica, pois grande parte dos alunos é pertencente à zona rural, os pais são de baixa escolaridade, e parte é proveniente da zona urbana com pais com nível de escolaridade mais alto.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociolinguística escolar estuda o comportamento linguístico em sala de aula, isto é, a competência linguística do professor e do aluno em ambientes de aprendizagem, pois é nesse ambiente que acontecem as várias interações. A sociolinguística escolar surgiu como uma vertente da Sociolinguística interacionista que observa o comportamento do indivíduo em situações de interações dentro de um ambiente social, usando os fenômenos linguísticos sociais que cooperam para a comunicação humana.

Nessa direção, consideramos este empreendimento uma pesquisa de relevância tanto pessoal como profissional, uma vez que nos desperta para a consciência da heterogeneidade linguística como um fenômeno de riqueza e criatividade para o usuário da língua e, dessa forma, em sala de aula, atuaremos com mais respeito a essa diversidade cultural. Dessa forma, a escola e a sociedade só têm a ganhar com esta promoção de saber.

Das análises, obtivemos como resultados: o repertório do professor está marcado por constantes variações, porém não há situações de traços graduais não estigmatizadas, de forma que todo o processo analisado perpassou tanto a formalidade quanto a informalidade. Percebemos no tocante às análises, que P não tem a percepção da variação da sua própria fala em sala de aula, encontramos na sua oralidade traços linguísticos provenientes do espaço geográfico rural de onde é proveniente, embora hoje resida na cidade. A essa variação intermediária entre rural e urbano, Bortoni-Ricardo vai designar de rurbana.

Do mesmo modo, no repertório do aluno observamos que ocorreram variações linguísticas, com influências claras da origem geográfica rural, pois grande parte dos alunos é pertencente à zona rural, cujos pais são de baixa escolaridade, embora parte deles seja proveniente da zona urbana com pais com nível de escolaridade mais alto. Ainda constatamos que o repertório do aluno assim como o do professor varia entre o formal e o informal.

Com base nos resultados, afirmamos que os objetivos foram atendidos, uma vez que comprovamos a variação linguística no repertório do professor e do aluno. Assim, também consideramos que a metodologia traçada para atingir este fim foi adequada, bem como a teoria de base foi pertinente e o referencial teórico suficiente, uma vez que nos permitiu fundamentar uma análise segura e objetiva.

Nesse contexto, os PCN vêm tratar que a Língua Portuguesa no Brasil possui grandes variedades dialetais e orientam que o preconceito linguístico seja ele de qual âmbito da vida do indivíduo tem que ser combatido, pois essas práticas mutilam a cultura e desvaloriza as origens. A fala do aluno vem nos mostrar que, no processo ensino-aprendizagem, devem-se conhecer as diferentes formas do português.

Seguindo esta linha de raciocínio, os PCN de língua portuguesa do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental vêm fomentar que o estudo da variação é de suma importância para a formação da consciência linguística e crítica dos alunos e que deve estar sempre presente nas aulas de Língua Portuguesa.

Por isso, sugerimos que a escola trabalhe mais o assunto para não permanecer com a ideia radical de que a língua é homogênea e padronizada. Esse trabalho pode ser desenvolvido através de projetos de leituras e observação do próprio discurso dos alunos, bem como a observação do discurso no meio social com atividades escolares que explorem essa vivência.

Em síntese, esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para outras discussões, pois sabemos que a pesquisa não conclui a discussão, mas abre outras possibilidades, uma vez que a língua em uso está em constante evolução e novas formas vão surgindo enquanto outras podem se tornar desusadas.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação do participante**. Disponível em: <<https://books.google.com.br>>. Acesso em: 10 julh.2017.

ANTUNES, Maria Irandé Costa Mores. **Muito além da gramática**: por um ensino de gramática sem pedra no caminho. São Paulo, Ed. Parábola,2007

BAGNO, Marcos. **Nada na Língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos; **A gramática Histórica**: do latim ao português brasileiro. Brasília : UNB, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

\_\_\_\_\_. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística & educação. São Paulo: Parábola, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

BRASIL/MEC/SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Secretaria de Educação fundamental, 1997.

CÂMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso da. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis-RJ,Vozes,2009.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Sociolinguística Variacionista**: pressupostos teóricos metodológicos e propostas de ensino. Santa Catarina, v. 4, n. 2, p. 173-186, 2º semestre, 2010, Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/viewFile/11618/686>> Acesso em: 18 mar.2017.

COUTINHO,Ismael de Lima, **Gramática Histórica**. Rio de Janeiro,2011.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão-SE, 2010. Disponível em:

<<https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=51300&key...>> Acesso em: 19 mar.2017.

GARCEZ, Pedro M; RIBEIRO, Branca Telles; (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 13-20.

GUMPERZ, John J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 149-182.

JOHNSTONE, B. Qualitative methods in sociolinguistics. New York: Oxford University Press, 2000.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**, traduzido por Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Análise da conversação. 4 ed. São Paulo: Ática, 1998.

MOLLICA, Maria Cecília. **Da linguagem coloquial para à escrita padrão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES Ana Cristina. (Org). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

PHILIPS, Susan Urmston. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 21-43.

RAZKY, Abdelhak; OLIVEIRA, Marilucia Barros de. **Sociolinguística**. Belém, v. 13, 2014. Disponível em:  
<[http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F146710%2Fmod\\_resource%2Fcontent%2F1%2FLivro%20Sociolingu%C3%ADstica.pdf](http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F146710%2Fmod_resource%2Fcontent%2F1%2FLivro%20Sociolingu%C3%ADstica.pdf)>. Acesso em: 22 mar.2017.

RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Org.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2002.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ed. Ática, 1994.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DO PROFESSOR

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

TÍTULO DA PESQUISA: *A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DO ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.*

OBJETIVO GERAL DA PESQUISA: *ANALISAR A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DOS ALUNOS DO 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL.*

PESQUISADORAS: *Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)*  
*Karla Samara Abrantes Viana Dantas (Orientanda)*

### QUESTIONÁRIO

#### 1) IDENTIFICAÇÃO

a) Escolas em que leciona: \_\_\_\_\_

b) Nível de escolaridade: \_\_\_\_\_

c) Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_

3) Faixa Etária: ( ) 20 a 29 ( ) 30 a 39 ( ) 40 a 49 ( ) 50 em diante

4) Renda familiar:

( ) Até 880,00

( ) Até 1.760,00

( ) Até 2.640,00

( ) Acima de 2.640,0

5) Você sempre morou nesta cidade? Se não, indique de onde veio.

6) Como você lida com a heterogeneidade linguística de seus alunos?

Obrigada pela contribuição!

As pesquisadoras

**APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DO ALUNO****UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**TÍTULO DA PESQUISA: A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DO ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**OBJETIVO GERAL DA PESQUISA: ANALISAR A VARIÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DOS ALUNOS DO 9º ANO NO ENSINO FUNDAMENTAL.**

**PESQUISADORES:** *Maria Nazareth de Lima Arrais (Orientadora)*  
*Karla Samara Abrantes Viana Dantas (Orientanda)*

**QUESTIONÁRIO**

1) Identificação \_\_\_\_\_

2) Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino

3) Faixa Etária: ( ) 10 a 13 ( ) 14 a 16 ( ) 17 a 19 ( ) 20 em diante

4) Reside: ( ) Zona Rural ( ) Zona Urbana

5) Você acha que sua fala é diferente em relação aos demais colegas de sala ou do professor? Por quê?

6) As palavras que o eu professor usa são sempre compreensíveis para você?

## APENDICE C- FICHA DE OBSERVAÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS**

**TÍTULO DA PESQUISA:** A SOCIOLINGUÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DO ALUNO DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL.

**OBJETIVOS DA PESQUISA:** Analisar a variação linguística no repertório do professor e dos alunos do 9º ano no ensino fundamental.

**PROFESSOR-PESQUISADOR:** Karla Samara Abrantes Viana Dantas; Maria Nazarath de Lima Arrais

**ESCOLA:** Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Dr. José Dantas Pinheiro

**TEMPO DE OBSERVAÇÃO:** 90 min

### FICHA DE OBSERVAÇÃO

OBJETO DE ESTUDO	CATEGORIAS	OBSERVAÇÕES
Variação Linguística	Fatores Internos à língua	Repertório do professor
		Repertório do Aluno

## ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS AULAS OBSERVADAS

### AULA 1

P= Nós vamu::s estudarmo:s a oração subordinada adverbial/ o que é uma oração subordinada adverbial"/ oração subordinada adverbial é aquela que exerce a função de advérbio ou:: de adjunt

o adverbial em ralação a oração prin-CI-pal/ para eu ter uma oração' subordinada' é necessário eu ter uma oração prin-CI-pal/ só existe a oração subordinada se existir a oração prin-CI-pal certo"/ na aula passada eu expliquei o que era uma oração e cês sabem o que é uma oração né"

A: professor, explique di novo purquê agente aqui tarra nu curso/ tarra nu curso ( + )

P= estavam nu curso né" / então:: / as orações subordinadas adverbiais nós temos(+)  
SEIS com a letra C, faça essa formulazinha viu"(+), nós temos seis orações coma letra C, nós temos a F' nós temos a P' e nós temos a T' são essas as nossas orações subordinadas adverbiais / ... / com a letra C vamos saber quais são' ((escreve no quadro)) nós temos as orações adverbiais causais: com-ce-ssi-vas, con-se-cul-ti'-vas, com-pa-ra-ti'-vas, con-di-cio-na'l, com-for-ma-tiva ( + ) / nós temos uma final' as finais' as propor-ciona'is e as temporais( + )( + )

A= é pra copiar"

P= si::m ( + ) ( + )

P= as orações subordinadas adverbiais causais elas indicam causa:: do efe:ito ispresso na oração principal certo" para se ter uma causa é preciso se ter uma conse-quê'ncia ' primeiro vem a:::

A= /consequência ôu a causa'

P= sigu:ndo

AS= [[consequência ( + )

P= obervemos ( + ) ( + ) / ... /

P= posso"

A= po:::de

P= nossa primeira frase, os alunos conversam baixo, porque estão na biblioteca/ vocês conseguem nesta oração identificar a minha causa e a minha consequência"

A= os alunos conversam baixo é a causa e a consequência purquê entrou na biblioteca'

AS= /é a consequência, é o contrário / ... /

A= causa é porquê estão na biblioteca e a consequência é os alunos conversam baixo/

P= dividiu eles estarem na biblioteca É a causa, a consequência é que eles vão fazê o quê"

As= /falá baxo

P= hãm"

As= [[conversar baixo ( + )

P= qual a minha oração principal" pode falá'

As= [[os alunos conversam baixo

P= qual vai ser minha oração subordinada"

AS= [[ purquê estão na biblioteca ( + ) / ... /

P= ele caiu porque tropeçou' qual é a minha causa e qual é a minha consequência"

As= ele caiu foi a causa

Ele caiu foi a [[não' ele caiu foi a consequência/ (+) (+)

P= nas causais vamos colocá as conjunções certo" coloque ai, porque, visto que, que, posto que, uma vez que, e co::mo anteposto a oração / ... /

## AULA 2

P= / ... / pronto/ vamos vê as orações subordinadas”

AS= / [[comparativas...

P= a oração subordinada adverbial com parativa estabelece uma relação de comparação com a minha oração principal certo” o próprio nome já diz comparativa É porque vai comparar uma coisa com a outra

AS= [[outra

A= ei professor tão dizendo que a sala tão cheia de câmara’ (( risos ))

A= e’ professor ela vai assistir as aulas do sinhô tudim”

P=hoje sim’ só são duas ((Fala pausadamente))

P= as minhas orações subordinadas comparativas exercem uma relação de comparação em relação a minha oração principal já disse isto à vocês

P= neste meu período /cantava como um Pássaro eu tenho duas orações, eu tenho a principal e tenho a subordinada, qual a minha oração principal”

AS= [[canta::va

P= qual a minha oração subordinada”

AS= [[como um Pássaro

P= para se ter uma oração é necessário ter verbo, cadê o verbo da segunda oração”

A= da segunda

A= da segunda ele falou

P= cadê o verbo da minha segunda oração”

A =oxe’(+)

A= como’

A= é é é é é

P= e:: como é verbo”

A= now

A= sei não, eu como, tu como ele como ((risos))

P= estou perguntando cadê o meu verbo da segunda oração”

A= cantando’

A= segunda”

A= não tem não tem”/ quer dizer, eu acho’ ((risos))

P= mas se ela é uma oração subordinada adverbial comparativa num existe a oração principal pra ser adverbial” ou não”

A= existe

P= mais eu tô procurando cadê o verbo/

AS= ((risos))

P= oh:: cantava como um Pássaro canta:va, o meu verbo está sub-intendido certo” qual minha oração principal”

AS= canta::va

P= qual a minha oração subordinada adverbial comparativa”

AS= [[ como um Pássaro

P= oração subordinada/

AS= / [[adverbial comparativa

A= eita minina inteligente ((palmas)) (+) (+) /.../

P= qual nossa próxima oração”

A= oração conformativa’ (+)

P= a minha oração subordinada adverbial conformativa estabelece uma relação:: de conformidade uma relação de concordância em relação a minha oração principal certo” (+)

P= / ... / conforme acertamos eu vou viajar na segunda feira’ qual a minha oração principal”

A= oração principal , conforme acertamos/

/ [[ não, eu vou viajar na segunda feira

P= qual a oração subordinada”

AS= conforme acertamos

P = qual a minha conjunção”

A= conforme”

P= con-forme está minha oração será oração subordinada/

A= [[conformativa

A=Se nessa sala tivesse dois minino que nem eu ( incomprensível) ((risos)) / .../

## ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** A SOCIOLINGÜÍSTICA EM SALA DE AULA: ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR E DOS ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

**Pesquisador:** MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 66662717.8.0000.5575

**Instituição Proponente:** UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.011.187

#### Apresentação do Projeto:

Projeto de Pesquisa apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores – UFCG – Campus de Cajazeiras, como requisito parcial para o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso, no período 2017.1. O campo de pesquisa será na Escola Normal Estadual Ministro José Américo de Almeida E.N.E.M.J.A.A. localizada no Município de São João do Rio do Peixe - PB. A pesquisa efetuada será com sujeitos o professor e os alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental.

A pesquisa será desenvolvida seguindo as etapas:

- Estudo bibliográfico sobre as teorias da Sociolinguística interacionista Escolar;
- Observação e gravação das aulas;
- Elaboração de um questionário semiestruturado com perguntas abertas e fechadas;
- Aplicação do questionário que será entregue ao professor colaborador e aos alunos para levantamento de dados;

**Endereço:** Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

**Bairro:** Casas Populares

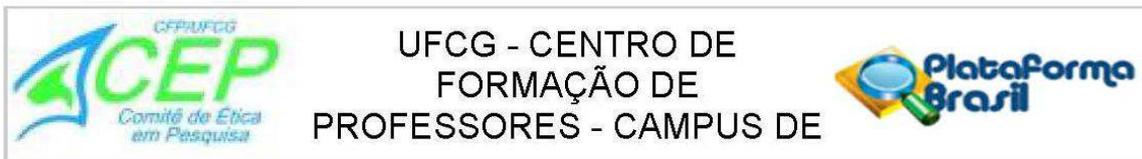
**UF:** PB

**Município:** CAJAZEIRAS

**Telefone:** (83)3532-2075

**CEP:** 58.900-000

**E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br



Continuação do Parecer: 2.011.187

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo é analisar a variação linguística no repertório do professor e dos alunos do 9º ano no Ensino Fundamental. Serão utilizados como instrumentos de pesquisa uma ficha de observação das aulas e um questionário que será aplicado ao professor e aos alunos. Os dados serão analisados qualitativamente com base na sociolinguística escolar.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Os riscos apontados pelo pesquisador são : desconforto pelo tempo exigido, certo constrangimento em ser observado e/ou responder alguns questionamentos.

Os benefícios da pesquisa serão: conscientização e valorização da modalidade oral e de variações linguísticas em sala de aula, possibilitando aos alunos um espaço de respeito às diferenças culturais.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa importante para o campo do conhecimento e formação profissional da área

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos de apresentação obrigatória para a natureza da pesquisa como TCLE assim como o Termo de consentimento da escola onde a pesquisa será desenvolvida estão devidamente postos na plataforma.

**Recomendações:**

Sem recomendações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem Pendências

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_891318.pdf	05/04/2017 08:40:56		Aceito
Declaração de Instituição e	Autorizacao.pdf	04/04/2017 20:48:52	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito

**Endereço:** Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

**Bairro:** Casas Populares

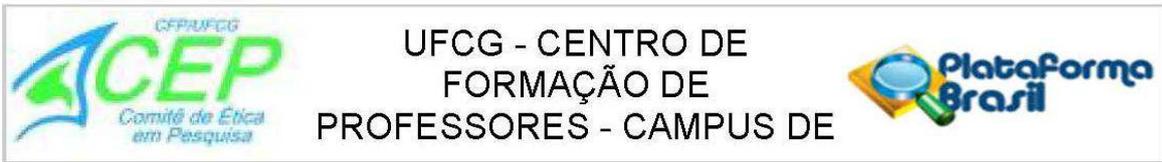
**CEP:** 58.900-000

**UF:** PB

**Município:** CAJAZEIRAS

**Telefone:** (83)3532-2075

**E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br



Continuação do Parecer: 2.011.187

Infraestrutura	Autorizacao.pdf	04/04/2017 20:48:52	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMOLIVREESCLARECIDO.docx	04/04/2017 13:19:01	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	04/04/2017 13:18:50	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	04/04/2017 13:08:21	MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAJAZEIRAS, 11 de Abril de 2017

---

**Assinado por:**  
Paulo Roberto de Medeiros  
(Coordenador)

**Endereço:** Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n  
**Bairro:** Casas Populares **CEP:** 58.900-000  
**UF:** PB **Município:** CAJAZEIRAS  
**Telefone:** (83)3532-2075 **E-mail:** cep@cfp.ufcg.edu.br